

CORRESPONDENTE - VIA AEREA
EXELENTESSIMO SR. PRIMEIRO
PALACIO DE SÃO BENTO
LISBOA - PORTUGAL



Voz de Portugal

ANO XLIII - RIO DE JANEIRO, 5 DE OUTUBRO DE 1979 - PREÇO: Cr\$ 7,00 (RJ, SP, MG) - Cr\$ 10,00 (OUTROS ESTADOS) N.º 2 625

Fundação Cuidar o Futuro

Na Organização das Nações Unidas:

NOVA ORDEM INTERNACIONAL PEDE LOURDES PINTASSILGO

LISBOA (Especial para VP) - Num longo discurso - cerca de 45 minutos - o Primeiro-Ministro de Portugal, Sra. Lourdes Pintassilgo, disse na Organização das Nações Unidas (ONU) que "não há nenhuma estratégia de desenvolvimento para os anos 80 que seja compatível com a atual política de corrida aos armamentos". Ao pedir a criação de uma nova ordem internacional, a governante portuguesa sugeriu aos países desenvolvidos efetuarem um "maior pragmatismo para com os países pobres". O discurso de Lourdes Pintassilgo está na página 3.



PINTASSILGO QUER NOVA ORDEM INTERNACIONAL

LISBOA (Especial para VP) — Ao discursar na Assembléa Geral da Organização das Nações Unidas, o Primeiro-Ministro de Portugal, Srta. Maria de Lurdes Pintassilgo, preconizou uma "nova ordem internacional", para fazer frente à avalanche de problemas que afligem o mundo. Depois do seu discurso, muito aplaudido pelos presentes, especialmente por parte dos representantes dos países subdesenvolvidos, a governante portuguesa avistou-se com Kurt Waldheim, Presidente da Assembléa. Em seguida, alguns tópicos do seu discurso:

"É para mim particularmente significativo poder dirigir-me a esta assembléa no limiar da década de oitenta.

É certo que os calendários podem ser considerados como meras convenções a pontuarem a rotina da continuidade.

Mas podem ser também a rotura dessa continuidade, marcos a alertarem-nos para a novidade dos instantes, para a erupção da história inédita, para o devir que a ação dos homens e dos povos modela e cria.

Estimulam-nos assim a encarar novas metas, a utilizar outras metodologias, a libertar-nos da ganga dos sedimentos acumulados.

ASSEMBLÉIA

É nesta perspectiva que olhamos a agenda desta sessão da Assembléa Geral.

A ordem do dia cobre, é certo, pontos que vêm sendo discutidos desde há vários anos. Não fora a gravidade das situações a que dizem respeito e poderíamos quase dizer que a Assembléa Geral se auto-satisfaz num cerimonial repetitivo de intenções e preocupações.

A Assembléa Geral está, julgamos, em condições de funcionar como lugar de cristalização do já adquirido e simultaneamente como manifestação ainda balbuciante, mas

já audível de uma nova expressão da solidariedade mundial.

Para tanto é indispensável que nela convirjam as aspirações das massas populares de todo o mundo, a reflexão que equaliza em termos mais exigentes a solidariedade entre os homens e os povos, a decisão que deve animar os dirigentes na sua tarefa ao serviço dos povos e da paz entre as nações.

CULTURA

O reforço dos valores culturais é hoje a linha por onde passa necessariamente toda e qualquer estratégia de verdadeira independência nacional. E isto não apenas na salvaguarda legítima da soberania de cada povo, mas na defesa de uma continuidade mundial mais rica na sua diversidade, mais capaz de enfrentar os problemas com a contribuição própria de cada cultura e de cada povo.

Tal tem sido, dentro do sistema das Nações Unidas, a obra sistemática das suas agências especializadas e de forma singular da U.N.E.S.C.O., de cujo conselho executivo me honro fazer parte.

DIREITOS DOS POVOS

Estabelece finalmente neste fim de década uma relação mais clara entre os direitos dos povos.

Os direitos individuais alicerçam toda a ordem interna dos Estados. Dizem respeito às liberdades e às garantias fundamentais da pessoa humana — à informação objetiva e à capacidade de usufruídos bens culturais e de participar no seu aprofundamento e feitura; dizem respeito sobretudo à possibilidade de cada homem escolher o seu destino, criar a sua história, dizer a sua palavra acrescentar ao mundo natural e organizado que não fez o gesto pessoal que é a própria cultura em movimento — direito a ser diferente e a exprimir essa diferença.

Direito à vida como bem fundamental e direito à satisfação das necessidades básicas que a preservam.

Mas não são estes direitos satisfeitos em todas e quaisquer situações. Eles têm que ver com os direitos dos povos.

DIREITO A PAZ

A corrida aos armamentos provoca a guerra hoje. Desde a Segunda Guerra Mundial até hoje tiveram lugar no mundo mais de 125 guerras que envolveram diretamente mais de sessenta países e indiretamente mais de oitenta. Não podemos deixar de enunciar que tais guerras parciais funcionam como "reguladoras" da perpetuação do sistema que o recurso à violência é norma dominante.

Dal que Portugal, respeitando embora as alianças que inquebrantavelmente honra, deseje — e deve afirmá-lo — que se caminhe para o desarmamento global e controlado.

PALESTINOS

Portugal, que presidiu recentemente à comissão do Conselho de Segurança sobre os aldeamentos israelitas nos territórios árabes ocupados, desejaria deixar aqui o seu claro testemunho acerca das crescentes expectativas e ansiedade da gente palestina para que lhe seja reconhecido o inalienável direito humano de possuir uma pátria a que livremente se acolha, e seja posto termo a uma situação que afeta a consciência moral das nações.

TIMOR

Também a um outro povo — o de Timor Leste — este diretamente ligado à história do meu País, continua a ser negado o seu legítimo direito à autodeterminação. Apesar de repetidas condenações das Nações Unidas, e não obstante as resoluções aprovadas por Assembléa Geral e pelo Conselho de Segurança, nem o povo timorense pode até agora exercer efetivamente aquele direito.

nem Portugal, como potência administrante tem possibilidade de por si só inverter a situação injusta ali criada. Apelamos, portanto, para a consciência internacional de modo a que rapidamente se encontrem condições para uma progressiva normalidade de vida das populações de Timor Leste.

PAISES RICOS

Trata-se, em primeiro lugar, da descoberta de novos modelos para as sociedades pós-industrializadas. Contrariamente a certas idéias generosas no curto prazo, mas malthusianas no médio prazo, pensamos que é hoje indispensável à evolução da humanidade o contributo específico dos países ricos e altamente industrializados. Tal como a máquina a vapor iniciou uma nova compreensão dos fenómenos da energia e do trabalho, também hoje se requer não necessariamente a descoberta material de relações socio-culturais e de decantação das aquisições mais significativas da época de industrialização.

ALDEIA GLOBAL

Não admira, por isso, que um dos seus poetas contemporâneos assim exprima metaforicamente a ligação do povo português à humanidade inteira. Permita-me, senhor presidente, que termine lendo como um testemunho e um voto para a comunidade mundial esse poema:

A MINHA ALDEIA

Minha aldeia é todo o Mundo.
Todo o Mundo me pertence
Aqui me encontro e confundo
Com gente de todo o Mundo
Que a todo o Mundo pertence.

Bate o sol na minha aldeia
Com várias inclinações
Ângulo novo, nova idéia,
Outros graus, outras razões.
Que os homens da minha aldeia
São centenas de milhões.